



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOÃO LUCAS DA SILVA

**REGIONALISMO NORDESTINO E RELAÇÕES DE TRABALHO
NA OBRA “A BAGACEIRA”**

GUARABIRA-PB,

2014

JOÃO LUCAS DA SILVA

**REGIONALISMO NORDESTINO E RELAÇÕES DE TRABALHO
NA OBRA “A BAGACEIRA”**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo científico apresentado ao curso de licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado.

Orientador: Prof^o Dr^o Flávio Carreiro de Santana

GUARABIRA-PB,

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, João Lucas da
Regionalismo nordestino e relações de trabalho na obra
[manuscrito] : / João Lucas da Silva. - 2014.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana,
Departamento de História".

1.História. 2.Literatura. 3.Regionalismo. I. Título.

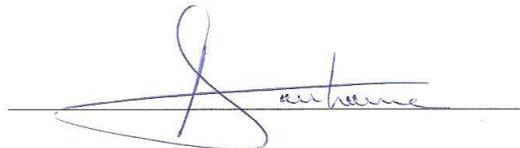
21. ed. CDD 981

JOÃO LUCAS DA SILVA

**REGIONALISMO NORDESTINO E RELAÇÕES DE TRABALHO
NA OBRA “A BAGACEIRA”**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo científico apresentado ao curso de licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado.

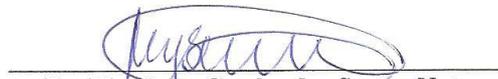
Aprovada em 08/12/2014



**Profº Drº Flávio Carreiro de Santana/UEPB/DH
(Orientador)**



**MS. Luciana Calissi
(Examinadora)**



**Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto
(Examinador)**

DEDICATÓRIA
“IN MEMORIAN”

Dedico este trabalho aquela que dedicou sua vida a me ensinar princípios éticos que carregarei até um último dia de minha vida, com zelo e apreço, aquela que me fez olhar a vida de cabeça erguida, buscando sempre a coragem necessária para enfrentar os desafios que ela impõe, pois como sempre dizia: “É preciso viver o hoje, pois o amanhã ainda é incerto”.

A minha avó, a senhora Cecília Fabrício da Silva, sem a qual certamente não teria chegado até aqui. Ela que me criou com amor e carinho e me educou sempre tentando me proporcionar o melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor soberano, criador da vida e fonte de sabedoria infinita, ele que é a bússola que me orienta para o conhecimento. Ele que me concedeu a saúde, a coragem e a determinação necessária para realização deste trabalho fruto de esforço e dedicação.

A minha família, parte fundamental para a minha formação enquanto cidadão, a minha esposa Rosimary que carinhosamente me apoiou nas dificuldades encontradas ao longo deste percurso, ao meu filho Eduardo Lucas que tantas vezes tive que deixá-lo de lado para me concentrar nos estudos.

Ao meu orientador Dr. Flávio Carreiro de Santana, que me orientou pacientemente, com suas preciosas colaborações, direcionando o rumo científico deste trabalho.

Aos meus examinadores que atenciosamente se disponibilizaram a analisar este trabalho.

Aos meus amigos Professores Especialistas Roberto Araujo e Edmilson Trindade e a Professora Joelma Roseno incentivadores incansáveis do meu crescimento pessoal.

Penso onde não me sou, portanto
sou onde não me penso.
Lacan

REGIONALISMO NORDESTINO E RELAÇÕES DE TRABALHO NA OBRA “A BAGACEIRA”

JOÃO LUCAS DA SILVA (AUTOR)

ORIENTADOR: PROFº DRº Flávio Carreiro de Santana

EXAMINADORA: MS. Luciana Calissi

EXAMINADORA: Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto

RESUMO

A bagaceira de José Américo de Almeida é uma excelente fonte de análise social da região Nordeste do início do século XX. Nela encontramos uma denúncia contundente das desigualdades sociais presentes em uma sociedade patriarcal-rural, onde o senhor de engenho representa status e poder. É nessa perspectiva que pretendemos, através desse trabalho, analisar a realidade social do Nordeste brasileiro apresentado por José Américo, evidenciando as diversas formas de exploração de trabalho do homem sertanejo que devido às consequências da seca deixa o seu torrão natal, fugindo para o brejo em busca de trabalho. Assim, apresentamos uma análise do Nordeste pelo viés da Bagaceira, obra inaugural do regionalismo, que aborda as desigualdades sociais através da problemática da seca de 1898, do êxodo rural, das arbitrariedades praticadas pelo senhor de engenho contra os trabalhadores da bagaceira. Nesse contexto sociocultural nos deparamos com uma sociedade nordestina marcada pelo patriarcalismo rural e pelo servilismo hereditário, e que condenava os “cabras” do eito à condições sub-humanas de miserabilidade e de pobreza extrema, práticas estas, presentes na cultura da cana-de-açúcar. Finalizamos com olhar para as sensibilidades das relações trabalhistas, pela qual se manifestam as facetas das diversas formas de injustiças sociais que colaboraram para o enriquecimento avassalador do Senhor de engenho em detrimento do empobrecimento sumário do trabalhador rural.

Palavras-chave: História, Literatura, Regionalismo

ABSTRACT

Bagaceira by Jose Americo de Almeida is an excellent source of social analysis of the Northeast region of the beginning of the 20th century. In it we find a scathing denunciation of social inequalities present in a patriarchal rural society, where the sugar-mill owner represents status and power. It is in this perspective that we intend, through this work, analyze the social reality of the Brazilian Northeast presented by José Américo, showing the various forms of labor exploitation of countryman that, due to the consequences of the drought, leave his homeland, fleeing to swamp in search of work. Thus, we present an analysis of the Northeast by the bias of *Bagaceira*, inaugural work of regionalism, which addresses social inequalities through the drought problem in 1898, the rural exodus, the arbitrariness practiced by the sugar-mill owner against bagasse dump workers. In this socio-cultural context we face a Northeastern society marked by rural patriarchalism and the hereditary servility, and condemning the "guys" of cleared land to subhuman conditions of misery and extreme poverty, these practices present in the culture of the sugarcane. We conclude by looking at the sensitivities of labor relations, which are manifested by the facets of the various forms of social injustices that contributed to the overwhelming enrichment of the sugar-mill owner to the detriment of the summary impoverishment of rural worker.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. HISTÓRIA E LITERATURA: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL	12
3. REGIONALISMO NORDESTINO NA OBRA “A BAGACEIRA”	15
3.1 Uma breve narrativa sobre o autor	16
3.2 As relações de trabalho e o mandonismo patronal	17
3.3 As sensibilidades das relações trabalhistas	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto sócio-cultural patriarcalista, rural, em meio a um servilismo hereditário, José Américo de Almeida (1887-1980), paraibano, nascido em Areia, nos apresenta em “A Bagaceira” uma visão sociológica da realidade nordestina, na qual procuraremos abordar a triste realidade dos trabalhadores de engenho do Nordeste brasileiro.

Abrindo uma nova fase na história literária do Brasil, o autor estudado denuncia em sua obra regionalista as arbitrariedades praticadas pelo senhor de engenho aos “cabras do eito”, e que trabalhavam na bagaceira em condições precárias e sub-humanas, submissas as ordens do senhor rural, símbolo do poder local.

Nessa perspectiva, o autor de “A Bagaceira” trabalha com a visão de um regionalismo tradicional-patriarcal, ruralista, voltado para o cotidiano na vida do engenho. Apontando as relações de trabalho existente entre o dono de engenho, senhor do poder, e o trabalhador da bagaceira, sumariamente explorado em meio a um sistema semi-escravista rural.

Essa denúncia contundente que José Américo faz da sociedade nordestina, em sua obra regionalista, evidencia claramente a disparidade econômico-social entre o senhor de engenho e os brejeiros e sertanejos trabalhadores da cana -de -açúcar, e que carregavam no servilismo e na desfiguração dos seus corpos esfacelados pela esqualidez.

Por isso, buscaremos de maneira sucinta abordar as diversas práticas abusivas presentes na relação de trabalho na bagaceira, *lócus* de uma submissão extrema e de uma organização de trabalho que martirizava os “cabras do eito” gerando uma dependência que os desumanizava.

O nosso trabalho esta dividido em três partes: na primeira apresentamos uma breve narrativa sobre o autor, onde tentamos apresentar as suas raízes e a sua trajetória de vida, bem como, a sua importância cultural enquanto referencia do regionalismo Nordestino.

Na segunda parte tentamos apontar as relações de trabalho em meio a um mandonismo patronal exarcebado do senhor de engenho sobre o trabalhador rural que sofre as consequências das arbitrariedades do sistema canavieiro e da inércia de um poder público inoperante.

E na terceira e última parte abordamos as sensibilidades das relações trabalhistas sob o viés de uma sucinta narrativa da estrutura social nordestina do início do século XX e das diversas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores diante da supremacia da elite açucareira.

2 HISTÓRIA E LITERATURA: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

Tomando por base de referência a Literatura, enquanto fonte histórica, com sua forma própria de textualizar o mundo através de sua pluralidade de textos e ilustrações que sensibilizam o olhar da historiografia ao fabuloso mundo literário como um exercício imaginário de reconstrução do mundo, atribuindo formas de representações e sentidos que possibilita a História uma aproximação real da narrativa literária.

Dessa maneira, torna-se necessário desmitificar a Literatura *como um mero recurso ilustrativo de uma afirmação sobre o passado*, como fora entendida no século XIX, como nos diz Pesavento (2003) em *O Mundo como Texto: leituras da História e da Literatura*, pois a Literatura tem se tornado ao longo tempo um espaço bastante significativo para o debate da realidade humana, onde o perfil crítico da Literatura mostra uma visão denunciante das injustiças sociais. Por isso, Chartier (1990, p.62-3, op cit BORGES, 2003, p. 96) nos diz

que todo documento, seja ele literário ou não, é representação do real, a assim apreendido não se pode desligar de sua realidade textual construída e organizada em regras próprias de produção, inerentes a cada gênero de escrita que cria “*um real*” na “*própria historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita*.”

Desta forma, todo tipo de produção textual possui uma linguagem específica, na qual foi produzida, própria de um segmento particular de produção, e esta ocorre considerando dadas regras peculiares desde ao meio intelectual de onde surgiu até o meio que será veiculada e ao público que se destina.

Dessa maneira, Martins (2001, p. 06) explica que

O discurso literário resulta de uma reflexão e se constitui em uma mediação social, tal como o discurso histórico. Daí ser possível, através das técnicas de expressão literária, tais como os modos de narrar e construir pontos de vista, poder-se revelar a história.

Nesse contexto, a História e a Literatura apresentam caminhos diversos, mas diante da construção de uma identidade social, convergem as suas narrativas na tentativa de responder às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, uma vez que ambas estabelecem representações do mundo social, constituindo um meio de entender a sociedade por meio de um olhar voltado às manifestações culturais.

Sendo assim, Pesavento (2003, p.32) nos diz que

Esta seria uma postura que se abriga no que constitui a corrente historiográfica da História Cultural, chamada, por muitos, de *Nova História Cultural*, para diferenciá-la de uma outra maneira de entender a cultura através da história, por meio das manifestações culturais consagradas, dos grandes nomes e correntes.

Então, a partir dessa postura, fica evidente a aproximação dessas duas propostas narrativas (Historia/Literatura) como formas de atribuir sentidos, desvelando sensibilidades, explicitando silêncios e valorizando o debate através das manifestações culturais. Elas promovem, assim, um novo olhar interpretativo dos fatos históricos que busca lembrar os esquecidos, os vencidos e os marginalizados pela a História Tradicional, que visava os vencedores e a supremacia dos fatos consagrados.

Essa nova reorientação dos paradigmas explicativos da realidade apontam, portanto, para novos referenciais que aproximam a História da Literatura, onde ambas são como nos diz Pesavento (2003, p. 33), “*uma narrativa que constrói um enredo e desvenda uma trama*” caracterizando um encadeamento discursivo por meio da linguagem e construindo significados no tempo. Assim, o discurso produzido pela História como uma narrativa sobre o passado está ligado ao conceito da representação, que encarna a ideia de substituição ou presentificação de uma ausência enquanto que o discurso produzido pela Literatura está ligado ao imaginário, no qual o homem atribui um significado ao mundo por meio do sistema de representações sociais construídas.

Nessa perspectiva, podemos entender a Literatura como uma narrativa fictícia e imaginária, mas que ocupa um lugar do passado, pois seu enredo através da representação e personificação do imaginário literário constrói uma cadeia de significados sociais e culturais que desafia o historiador a investigá-los na tentativa de encontrar novas descobertas da permanente construção histórica da sociedade.

Assim, ao trabalhar a Literatura como documento para produção do conhecimento histórico faz-se necessário que o historiador reflita sobre sua estética, o padrão literário no qual essa escrita trabalhada pertence e as dimensões da representação construída. Problematizando a Literatura como um olhar privilegiado, sensível ao que é intrínseco ao homem e ao espaço que ele ocupa, possibilitando uma aproximação entre o fictício e o real, entre o literário e o histórico.

Ora, a Literatura é a arte da imaginação e como tal estabelece um discurso sensível ao fictício, às invenções e ao imaginário. Contudo, o olhar literário deve abranger também as experiências do vivido, como o falado, o escrito, o representado, como formas de textualizar o real e ao mesmo tempo se aproximar do discurso histórico.

Nesse contexto, Pesavento (2003, p. 40) aponta que

Seja a Literatura de cunho realista, dispondo-se a dizer sobre o real por forma da observação direta, fruto da vivência do escritor no seu tempo, seja por transfiguração fantasmática e onírica ou de criação de um futuro aparentemente inusitado, seja pela recuperação idealizada de um passado, distante ou próximo, a Literatura é sempre um registro -privilegiado - do seu tempo.

Assim, a Literatura será entendida como uma preciosa fonte para historiografia, pois a partir das marcas de historicidade presentes na sua transfiguração fantasmática, surgem os traços de uma época, com seus valores, costumes e conceitos, possibilitando ao historiador um mergulho profundo nas sensibilidades finas do passado expressas por esses leitores privilegiados do mundo que são os escritores das obras literárias.

Por isso, Pesavento (2003, p.37) fala que nos indica Paul Ricoeur, “*a Literatura cria uma modalidade narrativa referencial ao mundo, com pretensão aproximativa*”. Dessa maneira, não precisa comprovar ou chegar a uma veracidade, mas obter uma coerência de sentido e um efeito de verossimilhança, onde a diferença entre Literatura e História reside no objetivo de que a primeira busca a aproximação, e a segunda a veracidade.

Contudo, vale a pena observar o que Borges (2010, p. 98-99) diz que

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.

Então, dessa maneira, a Literatura é uma narrativa muito mais ampla que um simples texto fictício porque ao ler, interpretar e representar o mundo com suas peculiaridades e regras próprias de produção textual, ela confunde-se, por vezes, com a própria História, senhora absoluta do tempo, tendo sempre como referência o real, seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou mesmo transfigurá-lo.

3 REGIONALISMO NORDESTINO NA OBRA “A BAGACEIRA”

Introdutora do romance regionalista no país, “A Bagaceira”, produz uma análise sociológica da região Nordeste tratando de questões como a seca, o êxodo do sertanejo, o servilismo hereditário e o mandonismo patronal; trazendo uma crítica denunciante das injustiças sociais presentes nas atrocidades praticadas pelo senhor de engenho nas relações trabalhistas e na vida do trabalhador rural do velho modelo oligárquico da cultura açucareira nordestina.

Com advento do Sistema Republicano, o Sul do país passa por um profundo processo de transformação socioeconômico. Com o início da industrialização e o processo de urbanização das grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro.

Diante dessa situação o Sul do país passa a olhar para região Nordeste com um olhar de supremacia, porque perante as transformações pela qual passa a região sul ignoram o Nordeste enquanto espaço de transformação econômica social.

Nesse contexto o Nordeste que outrora fora o coração econômico do Brasil, agora vê a cultura açucareira esfacelando-se diante de mudanças substanciais no campo econômico, social e técnico, como a industrialização e a urbanização ocorridas no Centro-Sul. Além das novas formas de sensibilidade artística e Cultural trazidas pelo modernismo.

É exatamente nessa perspectiva modernista que José Américo, encaixa sua obra regionalista, porém diferentemente dos seus colegas do Sul, ele sensibiliza o seu olhar para o seu lugar social de origem que a região Nordeste.

José Américo procura contrapor-se a ideia de supremacia do movimento modernista paulista que menosprezava a cultura nordestina por considerar que a cultura do Sul centrada no homem branco advindo do europeu e nos processos de urbanização e industrialização através da migração europeia era superior e constituía a identidade da nacionalidade brasileira:

“O regionalismo paulista se configura, pois, como um “regionalismo de superioridade,” que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua ascendência europeia e branca. São Paulo seria, para este discurso regionalista, o berço da nação “civilizada, progressista e desenvolvimentista”¹

¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes, p.57.

Em contraposição a essa ideia modernista do Sul, regionalistas tradicionalistas como Gilberto Freire, José Lins do Rego, José Américo de Almeida entre outros defendem a tradição nordestina da cultura açucareira como fator determinante para o crescimento econômico do país e apontam negros, índios e mestiços como agentes construtores desse crescimento.

3.1 Uma breve narrativa sobre o autor

José Américo de Almeida foi paraibano natural de Areia, brejo do estado, nascido em 10 de janeiro de 1887, no engenho Olho D'água, quinto filho de uma prole de onze ao todo, e filho de Inácio Augusto de Almeida e de Josefa Leal de Almeida. Viveu no engenho Olho D'água com sua família até seus nove anos de idade quando deixou o seio de sua família, após a morte de seu pai, foi para sede do município de Areia morar com o seu tio, o Padre Odilon Benvindo de Almeida, para continuar os seus estudos.

Homem público de grande trajetória política, José Américo também se destacou na literatura brasileira como um dos mais importantes escritores nacionais. Sua obra envolve desde ensaio, discursos e crônicas a romance e memórias. O seu romance mais conhecido “A Bagaceira”, lançado em 1928, visa denunciar a questão social do Nordeste.

José Américo encaixa sua obra regionalista, “A Bagaceira,” sensibilizando o seu olhar para o seu lugar social de origem que é a vida no cotidiano dos engenhos. Nessa perspectiva denuncia a exploração do trabalhador agrário pelo senhor de engenho, mostrando um Nordeste rural, arcaico, rústico e miserável, onde o trabalhador rural é massacrado pelo senhor de engenho.

Aqui, José Américo traz para literatura brasileira um legado bastante relevante: o interesse social pelos temas referentes à dor, ao sofrimento e a tragédia, no qual ele relata a história de um povo bravo e lutador; o povo sertanejo. Em uma linguagem extremamente elaborada, ele procura adentrar na problemática social nordestina expondo-a em um quadro literário imagético, evidenciando uma realidade social que apresenta um Nordeste dramático e trágico, que o deixa atrasado em relação ao sul e sudeste do país.

Os problemas sociais em *A bagaceira* são narrados em forma de protesto e denúncia, constituindo-se um dos romances marcantes no documentário da disparidade social do país. Verifica-se, ao longo da obra, que a situação geográfica e histórica da região, mesclada por uma pobreza enorme, se tornou um grande sentimento de reivindicação social (FRAGA, 2011, p. 05)

Dessa maneira, o autor buscou mostrar toda essa diferença social enfrentada pelo trabalhador rural, na intenção de denunciar a realidade do nordestino, do sertanejo, do homem do campo, apresentando-a ao país e tentando chamar a atenção do grande centro econômico e social sulista para essa realidade. Assim, “A Bagaceira” tem sua importância baseada muito mais na temática que fala do retirante da seca, do engenho, enfim, da realidade nordestina, do que na sua própria estética literária.

Por isso, José Américo torna-se uma referência na história da literatura brasileira porque marca uma nova fase do modernismo brasileiro com “A Bagaceira”. Ele introduz um novo modelo literário no Brasil, voltado para os problemas locais, para o cotidiano vivenciado por um povo guerreiro e batalhador.

Esse novo modelo literário apresentado por José Américo de Almeida vislumbra um olhar sociológico para o sofrimento do trabalhador rural, esquecido pelas autoridades políticas, abandonado pela legislação e sucumbido pelo trabalho pesado dos engenhos. Entretanto, este mesmo trabalhador agora se torna sujeito principal de uma história trágica que é contada em forma de uma novela, porém, com tom contundente de denúncia às autoridades.

Esse estilo arrojado de José Américo de fazer uma literatura que denunciasse os próprios problemas do povo nordestino provoca na literatura brasileira, como nos diz o crítico Filho em FRAGA (2011), “um olhar sensível” à problemática social da região Nordeste, onde a saga do sertanejo é exposta em sua faceta real.

Nesse contexto, o autor aponta para necessidade de modernização da estrutura política ao problematizar a discussão entre o trato com a terra e a velha forma da produção do açúcar no cenário nordestino, bem como as suas conseqüentes relações clientelistas. Sendo assim, José Américo sugere um rompimento com a forma arcaica e nociva de fazer política e administração, para que haja a possibilidade de mudanças na relação entre as classes que viviam em conflitos latentes na região.

José Américo de Almeida morreu no dia 10 de março de 1980, em João Pessoa, capital da Paraíba, onde residia. Como um dos mais notáveis escritores literários, chegando a ocupar um lugar nos imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo o quinto acadêmico da cadeira de nº 38, onde ficou de 1966 até 1980, quando foi substituído por José Sarney.

3.2 As relações de trabalho e o mandonismo patronal

Marco inicial do ciclo do romance nordestino “A Bagaceira” de José Américo de Almeida, baseia-se no êxodo da seca de 1898, pelo viés do cotidiano do engenho, onde o

autor denuncia o sofrimento dos retirantes que saem de sua terra natal por causa da seca em busca de refúgio nos engenhos da cana-de-açúcar:

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos — esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres. Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas. Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados. Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo. Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando. Vinham escoteiros. Menos os hidrópicos — doentes da alimentação tóxica — com os fardos das barrigas alarmantes. Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.²

José Américo de Almeida escolhe como cenário da obra regionalista o seu lugar de origem social, tendo o Engenho Marzagão, localizado em Areia na Paraíba, sua terra natal, como *locus* de sua análise social do Nordeste brasileiro e seus problemas. Ainda aponta de forma sistemática as práticas horrendas realizadas pelo senhor de engenho contra os trabalhadores rurais da cana de açúcar.

Obra prima do romance regionalista moderno, “A Bagaceira” procura retratar a cultura nordestina a partir de uma narrativa fictícia que simboliza de maneira muito real a vida em suas diversas facetas nesse espaço geográfico dominado pelo senhor de engenho que como Dagoberto Marçau, simbolizando a prepotência e o poder que o faz “dono” da justiça e fazedor de suas próprias leis.

Para o senhor de engenho, ele é o “senhor da terra” e quem nela se encontra lhe pertence: a lavoura, os animais, os casebres e até mesmo os trabalhadores do engenho. Sendo assim, muitos desses senhores de engenho abusavam sexualmente das filhas de seus trabalhadores, pois como tinham a ideia de que tudo que estava em suas terras lhe pertenciam também elas tornavam-se objetos de sua posse.

Aos trabalhadores cabia a obediência ao senhor de engenho, caso contrário, sofreriam as consequências determinadas pela justiça de seu patrão, e que, de maneira impiedosa, condenava os transgressores de suas determinações com castigos bizarros e humilhantes, como sentar em um formigueiro lambuzado de mel ou levar chibatadas pelo feitor da fazenda como forma de repressão.

² ALMEIDA, José Américo. **A bagaceira**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1930, p.08.

Diante dessa relação de supremacia patronal, observamos um trabalhador acuado e sem perspectivas como nos mostra o autor:

Intimado a deixar a palhoça que ajudara a levantar, o caboclo coçou a cabeça e correu à casa-grande, com o chapéu debaixo do braço:
 — Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não enjeito parada: sou um burro de carga. Mas porém, nascer pra estrebaria não nasci.
 Dagoberto não quis saber de mais nada:
 — Pois, por ali, cabra safado! Você não nasceu pra estrebaria que é de cavalo de sela: nasceu foi pra cangalha!
 Xinane continuou a coçar a cabeça, como se procurasse despertar uma ideia:
 — A gente bota um quinguingu; quando é agora, o patrão, sem quê nem mais...
 E, implorativamente:
 — Quando acaba, foi a caseira arranhando com o caco de enxada.
 Patrão, minha rocinha, atrás do rancho! E a rebolada de cana!...
 — O que está na terra é da terra!³

Como mostra a citação acima, o trabalhador era tratado pelo senhor de engenho como um animal, um bicho do mato que não tinha humanidade, pois vivia em condições sub-humanas, degradantes, e o pouco que conseguia era lhe tirado de maneira radical pelo senhor do engenho.

Fatigados pelo duro trabalho no engenho, os trabalhadores da bagaceira apoiavam-se no cabo da enxada com a perna à banda, como quem se apoia em um ombro amigo, para engolir aquela comida que mais parecia uma lavagem lançada aos porcos. Esmolambados, entremostravam os corpos oleosos, com as costas assadas pelo sol.

Era essa a fórmula de espoliação sumária do homem que trabalhava na bagaceira, castigado pela seca e explorado ao extremo pelo mandonismo patronal do senhor de engenho que representa a construção de uma estrutura social cruel que tinha suas bases na exploração mais selvagem. Nesse modelo exploratório não há lei, o que há é a vontade do senhor de engenho.

Em “A Bagaceira” José Américo de Almeida procura denunciar as arbitrariedades realizadas pelo senhor de engenho, diante do trabalhador rural que vivia na pele o drama da fome, da miséria, da exploração sexual e do descaso dos poderes públicos que fazia vistas grossas diante das atrocidades praticadas pelo senhor de engenho, gerando assim, revolta entre os trabalhadores rurais.

Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem. A história das secas era uma história

³ Ibid, p.13.

de passividades. Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores. Outros ronronavam, como se estivessem engolindo golfadas de ódio.⁴

Uma figura bastante significativa nesta obra regionalista é a do sertanejo: destemido, arrojado e altivo que defende a moral a ponto de punir com a morte por causa da honra de uma mulher, ou seja, o sertanejo de forma rústica defende uma moral ética com exagero e bravura:

— Arrochei-lhe a goela de com força. Encalquei mais. Vi a hora que ele me arrancava a tábua do queixo. Desceu-se no fundo outra vez. Eu queria quebrar-lhe o roço e ele já estava desabilitado. Com a boca pegada, não podia tomar ar e teve um passamento. Dei-lhe um socavanco e espragatei-lhe as ventas. Ficou sem ação, fazendo termo. Dei-lhe outro cachação. E o sangue espirrou. Era isso que eu queria. As piranhas abocanhavam. Um putissi! Cada qual que tirasse o seu chaboque””.

E Valentim findou:

— “Agora: no outro dia, foi encontrado o cadáver engalhado num pé de pau. Não tinha venta, nem beijo, nem olhos, nem nada... A honra da moça estava vingada pelos peixes.⁵

O sertanejo é forte, lutador e guerreiro que nunca desiste de lutar por maior que seja a adversidade, por isso é ele quem sempre tenta burlar as leis do senhor de engenho já o brejeiro é mais submisso as ordens do senhor de engenho.

Dessa maneira, o autor apresenta um conflito entre os nordestinos do brejo e os do sertão, onde ocorre um choque entre os costumes sertanejos e brejeiros, gerando algumas desavenças no convívio cotidiano. O brejo se apresenta para o sertanejo como um refúgio para os retirantes da seca, que deixam o sertão expulsos pelo sol que castigava sua terra, gerando pobreza e fome, e parte em busca de abrigo e trabalho, enquanto aguarda a chegada do inverno para voltar ao seu torrão natal.

A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistos nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo.

Lúcio responsabilizava a fisiografia paraibana por esses choques rivais. A cada zona correspondiam tipos e costumes marcados.

Essa diversidade criava grupos sociais que acarretavam os conflitos de sentimentos.

Estrugia a trova repulsiva:

Eu não vou na sua casa,

Você não venha na minha,

⁴ Ibid, p.09.

⁵ Ibid, p.41.

*Porque tem a boca grande,
Vem comer minha f a r i n h a (...)*⁶

Diante do exposto observamos que havia uma repulsa do brejeiro em relação ao sertanejo, pois este era visto como um intruso que vinha tomar aquilo que pertencia ao homem do brejo como: a sua comida, as suas mulheres e o seu espaço fisiográfico gerando algumas desavenças.

3.3 As sensibilidades das relações trabalhistas

O autor nos apresenta uma sociedade nordestina extremamente rural e patriarcalista, centralizada na figura do senhor de engenho, dono da terra e símbolo do poder. Os senhores de engenho representavam a elite socioeconômica da região Nordeste nesse período, e assim, eram os senhores da lei e da justiça local.

Na obra temos como cenário o Engenho Marzagão que é uma simbologia dos tempos áureos do açúcar, uma representação da sociedade nordestina aqui apresentada no cotidiano dos engenhos. Onde os trabalhadores vivem em condições sub-humanas, sem nenhum auxílio do senhor de engenho, condenados a condição de pobres miseráveis.

Esses trabalhadores simbolizava o servilismo hereditário, presente na cultura da cana-de-açúcar, marcados por um olhar espasmódico de pânico, assombrados de si próprios, mergulhados em um decrépito aniquilamento humano. Dessa maneira, os cabras do eito viviam como parasitados que tinham todas suas energias sugadas pelos parasitas do sistema açucareiro. E assim:

Não se queixavam da labuta improdutiva:
— É pra castigar o corpo.
Vez por outra, levantavam os olhos ao céu, não pedindo misericórdia, mas reparando no sol — a hora dó descanso.
“Mourejavam com essa única esperança: o toque do búzio: tum, tum. Era uma toada mais grata que todas as músicas da natureza.
Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la”.⁷

Os cabras do eito carregavam o engenho nas costas feito burro de carga, trabalham de sol a sol, ganhavam muito pouco, quase nada, faltava comida, sobrava trabalho, jejuno quando a fome apertava já com os fardos das barrigas alarmantes tentavam enganar o feitor:

⁶ Ibid, p. 08-09.

⁷ Ibid, p. 22.

*“João Troçulho lamentava que não fosse cana madura. As folhas velhas cortavam-lhe a cara, mas, quando o feitor dava as costas, ele se agachava e mordida com casca e tudo, feito guaxinim”*⁸

O autor nos apresenta na figura de João Troçulho, um trabalhador da bagaceira desfigurado pelo árduo serviço do engenho e esfomeado pela exploração exacerbada do senhor de engenho que lhe tira a dignidade humana. Assim, os trabalhadores curvados sobre as enxadas formavam um magote de corcundas infatigáveis a serviço do sistema canavieiro do Nordeste do início do século XX.

Quanto às crianças, eram cheias de perebas, magricelas, sambudos, com as pernas de taquari, como uma laranja enfiada em dois palitos, não frequentavam a escola e desde muito cedo tinham que ajudar os pais na subsistência da família, daí a constituição de famílias numerosas, pois quanto mais filhos, mais mão-de-obra para produzir o sustento da família.

Mulheres extraordinárias! Filhavam uma e, não raro, duas vezes por ano. Engendravam-se em prazeres fugazes eternidades de sofrimentos. Os apetites com que a natureza capciosa encadeava as gerações deserddadas eram uma série de sacrifícios irresistíveis. Amplexos de corpos moídos. Procriações desastradas. Fábrica de anjos. A fecundidade frustrada pela miséria e pela morbidez geral.⁹

As meninas, ainda impúberes, “com corpinhos conspurcados”, deitavam-se nos fundos das bodegas, com os bodegueiros, por um rabo de bacalhau ou um brote duro e em uma sociedade onde tudo era vendido pela hora da morte; só a virgindade era negociada a baixo preço. E assim, contrastava-se o gozo das mulheres desfeitas, corrompidas pelos fétidos sintomas da fome em que o estômago exigia o sacrifício de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas:

Meninotas modeladas como mulheres feitas, com os peitos apoiados de feminilidades indiscretas que lhes escandalizavam a própria inocência. Mulatinhas de lábios roxos, como se tivessem sido mordidos, vivas e engraçadas, à espera do amor putrefatório. E as negrotas oleosas, borboletas escuras, com cravos vermelhos no seio, como a carne acesa em brasas. Como noites disparatadas de sol ardente.¹⁰

Ao feitor cabia fiscalizar o serviço realizado no cotidiano do engenho, era o braço direito do patrão, homem de sua confiança. O feitor era o agente ativo das ordens do senhor de engenho:

“Manuel Broca feitorizava:
— Agüenta o toco! Sustenta o rojão!
E, forçando um mais zorreiro a deitar a alma pela boca:
— Cabra encostão! Está remanchando, manzanza?!
Estimulava outro que nada mais podia dar de si:

⁸ Ibid, p.19.

⁹ Ibid, p.85.

¹⁰ Ibid, p. 43-44.

— Quero ver, cabra enxadeiro!”¹¹

Esse era o dia a dia desse profissional do engenho que tinha por função cumprir as ordens do patrão que na maioria das vezes era para punir severamente os trabalhadores do eito, em suas transgressões na luta pela sobrevivência. Esse julgo do capataz disciplinava o trabalho servil, no engenho, em uma vigilância permanente que garantia que as enxadas tinssem aquela crosta endurecida e sugassem ao máximo possível o trabalhador rural.

Essa diferença econômica e social do Nordeste entre o senhor de engenho e os trabalhadores da bagaceira contribuiu indubitavelmente para constituição de uma região Nordeste pobre e miserável, corrompida pela elite açucareira que enriquecera a custa do árduo trabalho de homens, mulheres e crianças que dedicaram suas vidas ao servilismo explorador dos senhores de engenho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a estrutura sócio-cultural da região Nordeste do início do século XX, tendo como fonte principal de análise a obra regionalista *A bagaceira* de José Américo de Almeida, pretendeu-se problematizar o olhar denunciante do autor sobre as desigualdades sociais presentes na relação conflitante entre o senhor de engenho e os trabalhadores rurais.

Por isso, procuramos abordar as relações de trabalhos existente no contexto social do engenho da cana de açúcar relatando o caráter abusivo com que o mandonismo patronal exercido pelo senhor de engenho que explorou o trabalhador agrário, vitimando-o a condições mais insalubres e desumanas, além de submetê-los a uma brutal violência para manutenção do poder da oligarquia açucareira. Como nos relata em um episódio em que o trabalhador havia ido furtar aipim e foi pego pelos vigias do engenho:

Levado à presença do senhor de engenho, este ordenou ao feitor:

— Lambuze o traseiro de mel de furo e assente no formigueiro.

Xinane alarmou-se:

— Por amor de seu Lúcio!...

— Lambuze, bem lambuzado!

— Por amor da defunta!...

— Nesse caso, dê-lhe umas tronchadas.

Manuel Broca prontificou-se:

— Fica por minha conta. Trinta lamboradas.

E, ali mesmo, uma, duas, t r ê s . . . Logo na terceira, o caboclo grunhia e mijou-se.¹²

¹¹ Ibid, p.19.

¹²Ibid, p.24.

Diante dessa conjectura o nosso autor nos mostra um profundo conhecimento do ambiente e do homem nordestino, apontando em pormenores os traços mais definidores dessa estrutura social cheia de injustiças. Como também, sensibiliza o olhar para trazer a tona toda essa realidade adversa vivenciada pelo trabalhador rural.

Portanto, em sua denúncia social, José Américo de Almeida, nos apresenta as diversas práticas constituintes de um ideal regionalista memorialista, rural, patriarcalista e extremamente conservador. Que mostra supremacia da elite açucareira sobre os cabra do eito que são marginalizados pelos vários setores da sociedade nordestina, através de um modelo de exploração agrário, cheio de desigualdades sociais e hierarquizado pelo mandonismo patronal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo. **A bagaceira (1928)**. 37ª edição, com texto revisto pela editora crítica. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Geografia em ruínas**. IN: A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2009. pp. 51-77.

FRAGA, ROSIDELMA. **O romance de 30: José Américo de Almeida e a tradição do regionalismo**. Disponível in site: <http://www.portalentretextos.com.br/colunas/poiesis-rosidelma-fraga/o-romance-de-30-jose-americo-de-almeida-e-a-tradicao-do-regionalismo,269,7html>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: Leituras da História e da Literatura**. História da educação, ASPHE/FaE/UFPEl, Pelotas, n.14, p.31-45, Set.2003.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. **História e Literatura: uma relação possível**. 2001.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.